Bibliotheca Publica
Polis

ANNO I BRAZIL N. 3

REVISTA CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA A DEFEZA DOS INTERESSES
DO
ESTADO DE SANTA CATHARINA

REDACÇÃO
Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida
Secretario — Nestor Passos
RADORES :
elheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino
Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior,
Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Evaristo
res, dr. Celso Bayma, LuizNunes Pires, C. Marques Leite.

Março de 1900
CAPITAL FEDERAL
RUA DA CARIOCA 34—1º. andar

Diversos
S. Catharina
Florianopolis
Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

EXPEDIENTE

A REVISTA CATHARINENSE apparecerá uma vez por mez

As opiniões emittidas pelos collaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1° andar.

ASSIGNATURAS

Anno 8$000
Semestre 5$000 Trimestre 3$000

Numero avulso 1$500

ANNUNCIOS

Uma pagina, 10$000—Meia pagina, 6$000—1|4 de pagina, 4$000.

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

"Centro Catharinense"

(Séde: Rua da Carioca 34, 1° Andar

PRESIDENTE
dr. Theophilo Nolasco d'Almeida.
1.° VICE-PRESIDENTE
1.° Tenente dr. Nepomuceno Costa.
2.° VICE-PRESIDENTE
Capitão-tenente Henrique Boiteux.
1.° SECRETARIO
Alferes-alumno Nestor Passos.
2.° SECRETARIO
Osny Martins (ausente).
Joel Augusto da Silva (interino).
1.° ORADOR
dr. Celso Bayma.
2.° ORADOR
. . . . . .
THESOUREIRO
Manoel Paulino de Aguiar.
BIBLIOTHECARIO
Manoel Luiz da Costa.
COMMISSÃO FISCAL
Rodolpho Goudel, Mario Brandão e Humberto Lobo.
CAIXA BENEFICENTE
Eduardo Paiva, Annibal Nunes Pires, Alferes Hermelino Jorge de Linhares e Emilio Simas.

Commissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

GRATOS

Falha-nos a expressão para corresponder á gentileza com que o eminente decano da imprensa, nosso respeitavel mestre do *Jornal do Commercio*, se referiu, em 8 do corrente, ao « Centro Catharinense ».

São de tamanha generosidade para os luctadores desta casa as expressões de que se serviu, tão extraordinariamente fidalgas, que valeriam, por si sós, si outros motivos não nos inspirassem, para certificar-nos de que fazemos obra util trabalhando por fortalecer os laços de paz e fraternidade que devem ligar os catharinenses, como cidadãos desta grande patria.

Eil-as:

» Terá lugar sabbado proximo, dia 10, ás 7 horas da noite, a eleição da nova directoria que vai dirigir os destinos do «Centro Catharinense» no periodo de 1900 a 1901.

A que vai deixar o seu mandato é presidida pelo 1° Tenente da Armada, dr. Theophilo Nolasco de Almeida, que, com grande esforço e perseverança, conseguio restituir ao « Centro » o alento, a força, a vida, que se lhe escapava a pouco e pouco.

E foi porque não havia, talvez, esperanças de salva-lo que se confiou ao dr. Theophilo a ingloria tarefa de fazer os funeraes de tão util e necessaria associação.

Catharinense de fibra ardorosa e inquebrantavel, sentindo a necessidade de provar o seu amor pelo terrão natal, que tanto extremece, o dr. Theophilo, auxiliado por mais alguns patricios, dotados do mesmo sentimento que o anima, conseguio elevar o « Centro » á altura em que se acha hoje collocado.

O recente apparecimento da *Revista Catharinense* é prova da força de ventade e interesse patriotico com que a actual directoria tem servido á causa do « Centro » expressa na essencia dos seus Estatutos.

A *Revista* tem o seu apparecimento garantido por muito tempo, devido ao acolhimento benevolo e generoso que lhe foi dispensado, representado no grande numero de assignaturas que obteve entre os Catharinenses.

Como é bonito este procedimento e como elle revela a união, laço indestructivel, que congrega os fracos tornando-os fortes!

O « Centro » é hoje procurado por muitos catharinenses que alli vão palestrar e como que respirar uma aura saudosa da terra que lhes servio de berço, ou seja recordando os bellos tempos de infancia dos presentes á palestra, ou seja lembrando os nomes dos patricios daquella pequena terra, occupando actualmente grandes posições, seja revendo-se nos feitos daquelles que já não existem e cujos nomes se lê em escudos pelas paredes, ou seja finalmente venerando os nomes da heroina Annita Garibaldi e do venerando almirante José Pinto da Luz, primeiro Presidente do « Centro » depois de sua organisação, os quaes têm seus retratos em ponto grande no respectivo salão de honra.

A bibliotheca do « Centro », ultimamente creada, conta já um crescido numero de volumes de varias obras, offerecidas por diversas pessoas.

Observamos que, cada vez mais, vai se generalisando a idéa dos « Centros » sendo que raro é actual-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

mente o Estado que não tem aqui, na grande Capital, um « Centro » que pugne pelos interesses, prosperidade e felicidade dos Estados que representão, além dos beneficios que prestão aos seus associados, quando estes, em condições precarias, se vêem na contingencia de appellar para tal extremo.

A vida dos « Centros », porem, depende unicamente, e é preciso estar sempre prevenido neste ponto, de não se introduzir nelles a politica, a malfadada politica que tudo avassalla, tudo destruindo.

Por esse lado, a actual Directoria prestou serviço de muita relevancia

Desejariamos, pois, poder em breve noticiar a existencia de tantos « Centros » quantos são os Estados que constituem este colosso que se chama Brazil, e todos funccionando regularmente, não só para o bem estar dos seus associados como no interesse dos proprios Estados que representam.

Assim, auguramos ao « Centro Catharinense » vida longa e proveitosa, confiando em que terá a felicidade, em sua proxima eleição, de escolher com acerto quem disponha da força de vontade precisa para levar por diante esta obra grandiosa de união, paz e felicidade, o que tudo se conseguirá com a presença de todos os socios no dia e hora acima indicados.»

O nosso illustre collega *Sul-Americano*, de Florianopolis, teve a suprema gentileza de transcrever o modesto artigo-programma da *Revista Catharinense*, precedendo-o das palavras abaixo, que muitissimo nos penhoram.

« Temos presente o n. 1 desta folha, que se publica na capital federal e que tem por fim a defeza dos interesses do nosso Estado.

São seus collaboradôres os srs. conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.° Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Theophilo Nolasco d' Almeida, dr. Luiz Delfino dos Santos dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso, Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Nestor Passos.

O summario é variado:— Porque? (artigo de apresentação); Janua Cœli (poesia de Luiz Delfino); O porto de S. Francisco do Sul, Arsenaes, (T. N. de Almeida); Um appello; Soneto (Rogoudel); Double zero (G. S.), O feminismo; Tarifas differenciaes; Traços.

Damos a seguir o artigo PORQUE? em que estão consubstanciados os fins do novo orgam da imprensa.

Saudamos a *Revista Catharinense* e longa vida lhe desejamos para pugnar sempre, como promette, pela nossa querida terra natal. »

Deram entrada na bibliotheca do « Centro Catharinense », durante o mez de Fevereiro, 18 volumes, dos quaes 6 offerecidos pelo sr. Luiz Goeldner, 6 pelo sr. Cincinato Livramento, 5 pelo sr. Waldmar Klaes e 1 pelo sr. secretario de Estado dos negocios do interior e justiça de Santa Catharina.

E' possuida da major gratidão que a directoria faz registrar esses donativos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

RELATORIO

DO

Presidente do "Centro Catharinense"

1° Tenente Theophilo N. d'Almeida

PARA SER PRESENTE Á

ASSEMBLÉA GERAL EM 28 DE MARÇO DE

—1900—

ANNO SOCIAL DE 1899-1900

Aos Srs. Membros

da Directoria do «Centro Catharinense» e aos seus dignos socios.

Conformando-me com o disposto no no Art. 13, § 7, dos estatutos, vos apresento o relatorio circumstanciado do « Centro», referente ao periodo decorrido desde 28 de Março de 1899 a 10 do mesmo mez e anno de 1900, periodo do meu mandato.

Capital Federal, Março de 1900.

O 1° Tenente d'Armada,
THEOPHILO NOLASCO D'ALMEIDA
Engenheiro civil e geographo.

HISTORICO

Dizer qual a somma de exforços accumulados, desde o inicio desta util creação, é para mim ardua tarefa, que, só confusamente poderei esboçar.

Fundada, ha tres annos, no Theatro São Pedro de Alcantara, em reunião presidida pelo general dr. Marcellino Bayma, eramos sete ao todo; actualmente mais de cem já conseguimos reunir em assembléa geral e trinta e tantos, na frequencia diaria.

A audaciosa ideia, então concebida de crear nesta Capital Federal um nucleo de catharinenses, destinado a pugnar pelos interesses e prosperidade do nosso Estado e de seus filhos, não era, pois, um sonho! Ella já começou a encontrar solido apoio, indispensavel á sua realisação e deixa descobrir os nitidos traços, que, brevemente, hão de caracterisal-a. Ha de vingar, florescer, brilhar, despertando em todos nós, os matizes que colorem o céo de nossa Patria; o aroma que nos inebriou no jardim de nossa Terra; as brisas que, brincando subtis, agitaram nossos cabellos; e, mais que tudo isso, aqui onde vivemos distantes dessas seducções, que só tem encantos no torrão em que nascemos:—A vontade de que uma ponta de terra, immersa pelo mar, ergase, retemperando em nós, todos esses sentimentos, todo o nosso passado, — triste ou risonho — como se a existencia retogradasse, diante de uma photographia! E... infeliz d'aquelle, para o qual, uma ilha plantada longe dos horizontes da Patria, no meio do infinito, não mais faz estalar o coração.

*
* *

Pugnar pelos «Centros» é, indirectamente, trabalhar pela União; mas, só com o tempo, o relevo desta imagem, com a degradação natural das sombras, cujas passagens mal a deixam perceber, será nitido e real... E, outro não é o sentimento, latente em parte, mas que já se faz sentir, de adhesões á ideia por nós aventada.

Applausos se ouvem de todos os pontos, e outros «Centros» se têm fundado com exito feliz: E' que, ampliados os horizontes das aspirações, arraigada cada vez mais, a ideia de *Liberdade*, expandindo-se fortificando,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

sentimos que a Patria se dilata e escapa, dia á dia, ao raio de acção das forças centraes enfraquecendo a cohesão e mesmo a affinidade que, como na materia, devem unir todos os filhos de uma mesma Patria e de um mesmo Estado.

E' preciso, pois, conservar o equilibrio destas forças, unindo todas as particulas, o que os «Centros» bem podem coadjuvar.

Continuemos, portanto, a trabalhar com amor e firmeza, preferindo sempre a independencia ás honras e a uma vã popularidade a gloria dos trabalhos solidos, guardando nas nossas discussões, essas raras qualidades: respeito, verdade e conveniencias.

Aos indiferentes, aos que só curam de si e áquelles que desfazem mesmo da terra que os vio nascer, pensando, talvez, que com isso mais se elevam, — a Patria lhes voltará um dia o rosto, estendendo-lhes ao mesmo tempo a mão, com aquelle pezar de Mãi, que não renega, *perdôa mas não esquecs...*

Tendo comparecido á primeira reunião, quando, em 1885, se fundou nesta Capital Federal, um «Centro Catharinense», depois dissolvido, uma vez mais tive que tomar parte na assembléa, que a 8 de Fevereiro de 1897, se reuniu para fim identico.

Comprehendi a responsabilidade que assumiamos, e, habituado a não me eximir d'ellas, sejam quaes forem os embates, até aqui, com tenacidade, tenho cooperado na direcção desta util creação, sem me deixar assoberbar pela indifferença de alguns, pela opposição tacita ou manifesta de outros e pelo pessimismo de muitos.

Si antipathias adquiri, desejo ignorar, e, si assim fôr, com ellas me dou por bem pago do pouco que tenho conseguido.

. . . . . .

Sem interesses occultos, pretendendo, tão sómente, o renome, a prosperidade da nossa terra e o bem geral dos seus filhos, esmiuçarei tudo, que diz respeito ao «Centro» com a lealdade de *barriga verde* e com aquella rudez dos marinheiros, com quem convivi e convivo.

Eramos sete, como já disse; mas —gloria ao nosso Estado — as adhesões chegavam pouco a pouco de todas as camadas sociaes. Comtudo, mais de 4.000 somos aqui domiciliados, e e no entanto, ainda hoje, porém, pouco mais de 150 são socios do «Centro», e muitos dos que mais podem fazer pela nossa terra, se têm esquivado a tão nobre proceder.

Na segunda reunião, elegeu-se uma directoria provisoria. Tendo recahido, porém, alguns cargos, em entidades politicas do nosso Estado, afim de affastar desta associação quaesquer ideias, que não fossem aquellas, cujas bases já se achavam assentadas, fui pelos eleitos indicado presidente.

Na terceira reunião, perante uma assembléa de perto de quarenta membros, apresentei de accôrdo com a commissão eleita, os estatutos, que foram discutidos e approvados. Elles ahi estão, carecem de serios retoques, mas tudo o que têm de bom deve-se ao nosso illustre conterraneo dr. Duarte Paranhos Schutel.

Satisfeita esta solemnidade, procederam-se as eleições, recahindo a presidencia, no illustre almirante José Pinto da Luz. Como 2°. vice, acompanhei toda a evolução no 1°. anno de sua gestão social.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A nossa primeira séde foi á travessa João Caetano n. 1, segundo andar; mas, não se achando em condições satisfatorias, nos mudámos para a praça Republica n. 11, onde se reconheceu, em breve, que, si algo se havia ganho em conforto, tinha-se perdido em tudo mais.

O local era máu e a fiscalisação difficil.

Acclamado para o cargo que ora exerço, reconheci a urgencia de tornar o «Centro» um baluarte invulneravel ao pessimismo, e, confiado no patriotismo e abnegação de alguns patricios, tendo a meu lado respeitaveis anciãos, cujas barbas encanecidas eram para mim motivo justo da mais justa animação, acceitei e assumi a presidencia, em 28 de Março de 1898.

Limitado era o numero de socios pontuaes. Uns, porque lhes parecia que os ultimos dias do «Centro» tinham chegado; outros, porque viam a testa da administração um joven inexperiente que, por maior que fosse a sua boa vontade, sem nome, pouco podia fazer como pouco fez: poucos compareciam as eleições e por isso com pesar, por duas vezes, vi o meu nome suffragado.

Difficil era a assimilação na heterogeneidade de opiniões dominantes.

A descrença da maior parte dos cobradores, que tudo queriam encontrar facil, bastante concorreu e tem concorrido para a irregularidade do serviço da cobrança.

Urgentes eram as despezas para uma installação definitiva, pois, é uma lei social tão poderosa, como lei é na natureza: «A inercia é uma resistencia a vencer nos primeiros momentos de uma machina; mas nos seus ultimos instantes — desejamos que não chegue — ella restitue um trabalho equivalente ao perdido no primeiro periodo.

Ora, a cobrança, nestas associações é difficil, porque os cobradores devem ser pessoas relacionadas com a colonia, ou para melhor dizer, catharinenses, o que então, difficil era encontrar, pois nessa época, mal começavamos a reunir no «Centro» os catharinenses mais enthusiastas.

Antes delle, havia entre nós, uma quasi completa indifferença, e eu mesmo, que sempre os procurei, hoje me entristece só a lembrança, que, estranho continuaria a passar para muitos dos meus conterraneos, aos quaes tomei verdadeira affeição, si não fosse o «Centro».

A limitada cobrança constituia tambem, um emprego provisorio, aos catharinenses desoccupados; mas, esta mudança constante de physionomias contrariou alguns associados, que ignoravam a causa. Sendo, porém, um dever do «Centro», guiar, melhorando, a sorte dos que pelos seus esforços tornassem-se dignos da sua protecção, até hoje não modifiquei esta pratica.

Ao encetar a minha administração sob tão máus auspicios, não era possivel perder um só instante... Ou a mudança do «Centro», ou — o seu desapparecimento pela força das circumstancias, era a ideia que me dominava. Era urgente agir, mas para isso se fazia mister muita calma.

Estas associações não devem ter o fausto, pois isto as desvirtuaria, affastando dellas os mais necessitados; mas, — a fiscalisação é indispensavel e, alli, difficil era exercel-a. Além disso, a escassez na frequencia tiravalhe toda animação dia á dia. Não

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

eram, pois infundados os meus presentimentos, e, quando assim não fosse a sua permanencia n'aquella casa era uma ameaça constante ao meu programma: progredir e relacionar, tornando-o um habito. Consegui? não sei, que o julguem os meus juizes.

—

Provisoriamente, nos mudámos para a Rua do Senhor dos Passos e d'ahi para Rua da Carioca 47, aonde se reuniu pela primeira vez a Directoria.

Solvida em parte a divida de perto de 600$, com que encontrei a Thesouraria, resolvemos nova mudança, por não nos submettermos ao proprietario que entendia, devermos, para ter illuminação a gaz, pagar a despeza que já ahi haviamos encontrado.

A nossa nova residencia foi na mesma rua n. 33, onde a affluencia, a vida do «Centro», começou attingir sua maior actividade.

Para chegarmos ao util, necessarias se tornavam as distracções, e, não me parece ter poupado exforços, adquirindo jornaes, livros, *buffet* etc., lamentando não ter sido até hoje possivel fazer acquisição de um bilhar, por ser de 115$000 apenas, a quantia para esse fim arrecadada, proveniente da emissão de apolices.

Quando mais satisfeitos nos achavamos, passamos pela contrariedade de sermos obrigados a deixar o predio, que foi traspassado.

Ha um anno que a nossa séde é á rua da Carioca 34. Não se achava ella, quando para aqui viemos, nas devidas condições, mas com pequena despeza, a preparamos e aqui realisamos a nossa segunda sessão solemne de posse da actual directoria.

—

Não se diga que o «Centro» apenas possue um saldo insignificante, pois que isto não constitue melhoramentos, conforto, distracção ou serviços. Não, elle deixa mais alguma cousa, moveis, livros, etc., cuja acquisição pesou e muito na renda geral.

A liquidação da divida constitue tambem um esforço da directoria, que, si existisse ainda, aquelle encargo de dividas continuaria a ser uma ameaça aos dias do «Centro».

Não ficou, porém, ahi a boa vontade dos seus membros, pois inauguraram-se os retratos da grande heroina catharinense Annita Garibaldi e do nosso primeiro presidente o almirante Pinto da Luz, com a presença dos representantes da imprensa, do «Centro Paraense», «Circulo Operario Italiano», etc., e perante uma assembléa de cem membros inclusive o manifestado, que naquelle dia recebeu dos seus patricios a maior prova de apreço que lhe podiam dar.

Estes trabalhos vieram mais salientar o merito do illustre artista catharinense Sebastião Vieira Fernandes, a força de vontade do nosso prestimoso patricio Antonio Burlamaqui. Gratuitos foram os seus serviços; mas, ficai certos, o «Centro» não os esquecerá jámais. As molduras, que são de valor, foram adquiridas, a de Annita, mediante uma subscripção geral, como era natural, e a do nosso eminente patricio, pelos membros da Directoria e caixa do «Centro».

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O material necessario a execução do trabalho artistico do ultimo retrato, foi todo, gratuitamente, fornecido pelo nosso consocio Sr. Raul Pereira da Silva a quem d'aqui agradeço.

As despezas da festa correram por conta da Directoria.

Ha, comtudo, a meu ver, outros esforços ainda maiores para a colonia, para o «Centro» e para o nosso Estado. Os saldos, os embellezamentos e as homenagens, são fracções da contribuição, ainda que serviços sejam; mas de que nos serviriam muitas destas cousas, a não ser para satisfazer a nossa vaidade? Qual a utilidade de uma sala sempre em ordem e luxuosa, mas aonde nos achassemos mal? Nenhuma. Algo mais, pois, urge fazer nestas associações: E' a consolidação, tornando-as uma necessidade; a vida, relacionando os seus membros, congraçando-os; a realidade na execução de seus fins.

O «Centro» tem-se tornado, ultimamente, para um grupo, um habito: vir até elle assignar o nome, quando menos seja, é para alguns o mesmo, que deixar o nome no livro do ponto da repartição. Dissolvido, as suas raizes são taes que, amanhã, elle iria surgir em outro ponto.

Tornou-se uma necessidade ao nosso Estado pelas informações que tão gostosamente vai prestando a todos e de toda especie. Cartas em quantidade, são para elle enviadas pela ignorancia da residencia daquelles a quem destinadas. Nesta Capital, elle já fez écho e poucos são os que ignoram e sua existencia.

Não ficam ainda ahi os serviços prestados, pois, foi tambem inaugurada a bibliotheca do «Centro» e a 31 de Janeiro, sahio a luz da publicidade o primeiro numero da *Revista Catharinense*. Grandes são as minhas esperanças a respeito e, confio, ella se ha de impor com o tempo, pois, é elle quem tudo ensina, tornando-se no futuro, o unico juiz imparcial e severo, de todas as nossas causas.

Quer n'um, quer n'outro serviço, não sei como agradecer a dedicação e exforços empregados pelo sr. 1.° secretario Alferes Nestor Passos.

Quanto ao bibliothecario Manoel Luiz e ao thesoureiro Manoel Aguiar, são tão cumpridores dos seus deveres, é tamanha a confiança, que impuzeram, pela rectidão do seu caracter, que, para os tres acima mencionados, só encontro duas palavras que me animo a dirigir-lhes: gratidão e saudade.

Como si tudo isso não bastasse, está em via de ser approvado o regimento interno, longo e meditado trabalho, para o qual muito concorreu o incansavel 1° secretario Nestor Passos.

Poucos continuam a ser os socios necessitados, mas, até hoje, nenhum delles recorreu aos auxilios do «Centro» e os catharinenses que a a elle tem vindo pedir protecção, são geralmente attendidos, mediante subscripções, que, como adiante se verá, têm pesado sobre um pequeno numero de socios.

Aquelles que não sendo socios, julgaram-se, com direito de, manifestamente, injuriar ou calumniar o «Centro», a directoria, conscia da confiança que sempre mereceu, manteve-se silenciosa, mesmo porque não desceria jámais a responder a quem tudo falta, para ser honrado com uma resposta.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Não é, pois, a vaidade, sómente para que se diga que temos um «Centro», o que nos tem animado; não, elle começa a se impor, pela orientação pratica que tem recebido. Elle não deixará esta nova geração esquecer jámais a terra em que nasceu. Ella o elevará cada vez mais, com amor e trabalho; é della que o «Centro» mais espera, porque a ella confiado está o seu destino.

Tomemos dos antigos os conselhos: elles têm a experiencia e nós a energia potencial, que fortifica a ideia.

Poucos foram os combatentes e, não fosse em certos momentos o amor á terra, quando vagas gigantes varriam, ameaçando ruir, este recanto da nossa Patria, aonde sentimos respirar um outro ambiente, e... teriamos esmorecido. Passava a vaga e cahiamos no jazigo; mas, como não ha tormenta eterna, com aquella resignação de patriotas, esperavamos dias mais felizes, e, como o máu tambem tem seu lado pratico, debaixo d'esta impressão ameçadora, houve alguns momentos bem approveitados, na nossa existencia social.

—

Eis o tudo que poude conseguir a actual directoria, o muito virá depois; — o que ahi está é o resultado da acertada escolha que fizestes do pessoal que me déste como auxiliar; a elles tudo deve o «Centro» e do seu presidente nada mais se póde esperar. Ha um anno, elle já assim pensava, recusando o cargo para o qual foi reeleito, e não fosse o clamor e a intimação feita de acceder ou dissolver-se o «Centro», elle não ria vacillado.

Pequeno como é, pequeno continuaria o «Centro» e é preciso que elle se erga tão alto que d'aqui descortinemos a nossa terra, e de lá ella nos contemple.

*
* *

Dado o resumo historico que precede, mostrando o gráu de prosperidade e as occurrencias diversas que tiveram lugar, procurarei dar uma ideia succinta do estado em que se acham os diversos ramos em que se divide a administração do «Centro Catharinense».

—

REUNIÕES DA DIRECTORIA

Quatro vezes se reuniu a Directoria e mais não foi preciso, uma vez que, póde-se dizer, reunida achava-se ella diariamente, concorrendo ao «Centro» a quasi totalidade de seus membros. Assim, pois, tiveram aquellas, como unicos fins, approvar todas as resoluções anteriormente tomadas, sem apparato nem discussões.

—

ASSEMBLÉAS GERAES

Conseguimos nos reunir, em assembléa geral, seis vezes, comparecendo sempre o numero de socios indispensavel.

Determinam os estatutos que as mesmas tenham logar uma vez cada mez, expondo-se para isso os motivos da convocação, o que, muitas vezes, é dispensavel, visto não haver assumpto de importancia que as justifique. Por isso, penso, deve a lei organica ser modificada, bastando que se reuna de tres em tres mezes,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

pois, quando outra causa não exista, a apresentação obrigatoria do balancete trimensal, será o sufficiente.

—

DA SECRETARIA

Avulta já o serviço deste importante ramo de administração, e não fosse a actividade sempre desenvolvida pelo digno 1° secretario, alferes alumno Nestor Passos, com certeza muito deixaria a desejar.

Além do serviço de actas, pequeno já não é o do expediente, que constou de 124 officios e cerca de 1.600 circulares.

O archivo do «Centro» acha-se regularisado e tudo o mais em dia, com methodo e correcção.

Reitero pois os meus elogios, que só tem um valor: a sinceridade com que os faço, mesmo porque o illustre conterraneo, foi um dos que desde logo comprehendeu os fins a que o «Centro» se destinava e, por isso mesmo, outras recompensas não esperava, além da tranquilidade de consciencia, por haver bem desempenhado os seus deveres. Um por todos e todos por um é a nossa divisa: nessas condicções, ninguem se póde julgar necessario.

—

DA THESOURARIA

O segundo balanço apresentado pelo sr. thesoureiro, quando mais não seja, constitue por si só trabalho bastante para mais ainda recommendal-o. Mas a sua actividade, energia, caracter e fiscalisação, que sempre exerceu na cobrança e dinheiros do «Centro», são requisitos difficeis de reunir e por isso mesmo de grande responsabilidade a sua ubstituição. Não é uma insinuação o que ora faço; pretendo, tão sómente, chamar a vossa attenção para que tomeis na devida conta os serviços de nosso socio.

Eis os balanços apresentados pelo sr. thesoureiro:

—

"CENTRO CATHARINENSE"

BALANÇO GERAL

—

ACTIVO

Moveis:	
Valor dos existentes . .	1.327$300
Bibliotheca:	
Valor dos livros existentes	1.268$500
Revista Catharinense:	
Saldo d'esta conta . . .	20$900
Phebo Leite:	
Idem idem	38$800
Caixa:	
Saldo em dinheiro . . .	361$860
	3.017$360

PASSIVO

Capital:	
Liquido, representado pelas contas do activo.	2.902$360
Emprestimo por apolices:	
Valor de 23 apolices a 5$, destinado a acquisição de um bilhar	115$000
	3.017$360

Thesouraria do "Centro Catharinense," em 28 de Fevereiro de 1900.

MANOEL PAULINO DE AGUIAR
Thesoureiro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

BALANÇO GERAL DA CAIXA

RECEITA

Saldo:

Passado de Março de 1899 . . . . . 6$640

Cobrança:

Mensalidades, joias e renda eventual. . 3.217$800

Donativos:

Recebido por subscripção para a Bibliotheca 73$000
Idem do dr. Henrique Valga 30$000
Idem do coronel Virginio Ramos 10$000
Idem da directoria para o retrato do almirante Pinto da Luz — 30$000
Idem para a moldura e gastos com a inauguração do retrato de Annita Garibaldi—213$250
Idem, parte d'uma subscripção para a acquisição d'uma apolice— 63$000 419$250

Moveis:

Venda de alguns em máo estado. . . . . 50$000

Alugueis:

Recebido do sr. dr. Theophilo de Almeida, pela sala do "Centro", para dar aulas, por dois mezes. . . . . 80$000

Revista Catharinense:

Dinheiro recebido da mesma. . . . . 69$100

Rs. 3.842$790

DESPEZA

Acquisição de Moveis:

Despendido com os adquiridos até esta data. . . . . 480$300

Aluguel de casa:

Despendido com o aluguel do predio onde funcciona o "Centro". . . . 1.200$000

Dr. Theophilo de Almeida:

Pago por saldo desta conta . . . . . 79$250

Septimio Werner:

Idem idem. . . . . 87$100

Ordenados:

Despendido com o ordenado do servente 135$000

Porcentagem:

Paga pela cobrança realisada até esta data 628$350

Bibliotheca:

Despendido com acquisição de livros e concerto da armação. . . . . 92$500

Impressos:

Despendido com a impressão de recibos e circulares. . . 123$000

Revista Catharinense:

Quantia entregue ao sr. redactor secretario para custeio da mesma . . . . . 90$000

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Phebo Leite :

Quantia que indevidamente lhe foi creditada em 15 de Janeiro p. p. .	38$800

Despezas Geraes :

Despendido com gaz, sellos, papeis, tinta e mais despezas miudas.	526$630
Saldo em dinheiro . . .	361$860
Rs.	3.842$790

Thesouraria do "Centro Catharinense», em 28 de Fevereiro de 1900.

MANOEL PAULINO D'AGUIAR.
Thesoureiro.

—

DA BIBLIOTHECA

Iniciada desde a installação do «Centro», teve neste ultimo anno bastante desenvolvimento e, devido aos esforços do nosso illustre bibliothecario Manoel Luiz da Costa e do nosso digno 1° Secretario Alferes-alumno Nestor Passos, foi a mesma inaugurada na assembléa geral que para isso teve lugar em 18 de Novembro de 1899.

Prosperando como vai, chamo para ella toda a attenção dos meus conterraneos, e conto não será debalde.

A'quelles que dispõem de producções suas ou de conterraneos illustres, particulariso o meu appello, afim de lhe darmos um cunho ainda mais catharinense.

São essas, com effeito, as obras, as mais procuradas com interesse, mesmo com insistencia.

Para ella não faltou a boa vontade da directoria, sendo como é, um serviço real e dos melhores prestados ao «Centro».

Despendeu-se, afim de poder ser inaugurado e mantido esse departamento a quantia de 262$000, assim distribuida :

Um armario grande envidraçado.	140$000
Concerto e installação do mesmo	31$000
Acquisição de livros . .	61$000
Circulares.	30$000
Somma. . . . Rs.	262$000

Improductivo não foi o nosso esforço pessoal, pois, dos 495 volumes existentes, apenas 100 foram adquiridos por compra, sendo os restantes offertados pelos seguintes Srs.: Septimio Werner, H. d'Araujo, Woldemar Klaes, Luiz Lassé Brandão, Dercyllidas Costa, Luiz Maria de Mattos, Mario Emilio de Carvalho, Brigido Peixoto, Emilio Simas, Nestor Passos, Manoel Aguiar, Pedro Noronha, Jacintho Costa, Octavio Melchiades, Nepomuceno Costa, Manoel Fonseca Povoas, Theophilo d'Almeida, Raul Pereira da Silva, Agenor Carvoliva, Honorato de Castro, José A. de Souza Junior, J. S. Medeiros Filho, Pedro Cardoso, C. Marques Leite, Vital Cardoso, Joél Augusto da Silva, A. C. Burlamarqui, J. E. Vieira de Aguiar, Manoel Luiz da Costa, Osny Martins, Antonio R. Pereira, dr. Mattos Junior, Jacob Klaes, Luiz Collaço, Sergio de Oliveira, Euzebio Vieira, Olibio Lopes, José de Senna Pereira, Cincinato Livramento, Nelson Costa, Horacio Nunes, Alexandre Pereira da Silva, José Pedro Duarte Silva, Luiz Goeldner, Hermelino Linhares, Porfirio

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Caldeira, Ranulpho Souza, J. Varzea, Alfredo de Oliveira, Rodolpho Goudel, Durval Melchiades, J. Paulo de Miranda Carvalho, Firmino Duarte Silva e Henrique Wendhausen.

Além destes offerecimentos, recebemos mais as seguintes dadivas em dinheiro:

dr. Henrique Valga. . .	30$000
coronel Virginio Napoleão Ramos.	10$000
dr. Theophilo d'Almeida	10$000
alferes Nestor Passos .	10$000
Manoel Luiz da Costa. .	10$000
Humberto Lobo	10$000
José Antonio de Souza .	5$000
José A. de Souza Junior .	5$000
José Viegas de Amorim .	5$000
Tenente dr. Nepomuceno Costa	8$000
Octavio Mechiades. . ,	2$000
João Vieira de Aguiar .	5$000
X.	3$000
Total . . . . Rs.	113$000

Gratos a todos estes favores, aguardamos outras remessas, crentes de em breve tornal-a uma necessidade util a todos os nossos conterraneos.

—

REVISTA

Ha de vir a ser a alma do nosso «Centro» semeando, fóra dos horizontes do nosso torrão natal, conhecimentos que outra expansão não teriam, si não fosse a sua existencia.

Ella tornará cada vez mais conhecidos, homens e cousas do nosso Estado, que até hoje, têm permanecido no olvido ou na duvida. A variedade productiva do nosso Estado, que constitue a sua maior riqueza, sem contestação, augura-lhe um futuro grandioso, caminhando com aquella calma e tranquilidade dos que muito confiam na sua evolução e recursos.

Quanto a seus filhos illustres a mesma lei se manifesta: nas artes, nas lettras e nas armas, elles ahi estão, salientes pelos seus esforços e aptidões; mas quando a elles muitos se referem, ignoram quasi sempre a terra em que nasceram.

Por isso o nosso Estado, passa por um dos mais atrazados do Brazil: é esta a inverdade que a *Revista* ha de em breve negar com a evidencia dos factos e seriedade dos seus argumentos.

Distribuido o primeiro numero em 31 de Janeiro do corrente anno, era ella esperada com anciedade e com applausos acolhida.

Entregue, provisoriamente, a uma commissão, peço para ella toda a attenção, pois o «Centro», a *Revista* e a Bibliotheca, symbolisam para mim uma alavanca com as respectivas conchas nas quaes se ha de tarar o progresso e a felicidade de nossa terra.

—

DA BENEFICENTE

Della não me descuidei nunca; será o *pivôt* que ha de completar o systema por mim idealisado; mas os actuaes estatutos destruiram toda a minha bôa vontade á respeito.

Nomeada uma commissão, encarregada de confeccionar o regulamento que devia vigorar, não foi possivel levar ao termo a sua discussão, pois, as exigencias descriminadas nos arts. 21 á 29 e seus §§ criam tamanhas responsabilidades, que impossivel é fazer por emquanto alguma cousa, a menos que não sejam os mesmos reformados.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Apezar disto, a directoria nunca foi alheia aos soffrimentos e difficuldades dos seus conterraneos, sempre que a ella recorreram, apellando para subscripções, que pesaram sobre um limitado numero de socios, sempre prodigos em attenuar os soffrimentos dos seus patricios.

—

DAS AULAS

A 15 de Abril do corrente anno, devem ser reabertas as aulas de pilotagem e mathematicas elementares.

Em 1899 por motivo de força maior, como em tempo foi communicado, deixaram de funccionar as aulas, o que não succederá, espero, no anno corrente.

—

PATRIMONIO

Da subscripção aberta para compra de apolices da divida publica, afim de constituir o patrimonio do «Centro» arrecadou-se o seguinte :

Octavio Melchiades. . .	10$000
Ricardo Blumeyer . . .	10$000
Theophilo d'Almeida. .	10$000
Tarquinio de Medeiros .	10$000
Manoel Aguiar	5$000
Dacio Magalhães. . . .	5$000
Woldemar Klaes. . . .	2$000
Mario Emilio de Carvalho	1$000
Somma . . . Rs.	63$000
Eduardo Conrado Duarte Silva.	5$000
Nestor Passos	5$000

A proposta para a compra de apolices foi apresentada a assembléa geral pelo Sr. Tarquinio de Medeiros e unanimemente approvada, em 18 de Novembro ultimo.

RETRATOS.

Para o do almirante Ministro da Marinha, José Pinto da Luz, concorreu a Directoria com a quantia de 30$000.

Para o da heroina catharinense Annita Garibaldi e inauguração de ambos, concorreram :

Theophilo d'Almeida . .	51$250
capitão-tenente Henrique Boiteux.	10$000
1º. tenente Arthur Oliveira	10$000
dr. Lauro Muller . . .	10$000
dr. Victorino P. Ramos .	10$000
dr. Pedro Ferreira. . .	10$000
General dr. Marcellino Bayma	10$000
Francisco Tolentino . .	10$000
João da Silva Ramos . .	10$000
Humberto Lobo. . . .	5$000
Manoel Aguiar	5$000
Nestor Passos.	5$000
Manoel Luiz da Costa. .	5$000
tenente dr. Nepomuceno Costa	5$000
Rodolpho Goudel . . .	5$000
guarda-marinha M. Guilon	5$000
Mario Brandão.	5$000
Saul Ulysséa.	5$000
João Haberbeck. . . .	5$000
alferes Hermelino Linhares	5$000
Octavio Melchiades. . .	5$000
Annibal Nunes Pires . .	5$000
José Antonio de Souza Junior	5$000
João Varzea.	5$000
Ranulpho Souza	2$000

A directoria e alguns socios completaram a differença de 46$750 com augmento de 1$000 na mensalidade durante 4 mezes.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

FREQUENCIA DIARIA

O «Centro Catharinense» recebeu 6.096 visitas no numero das quaes encontramos os nomes das exmas. sras. dd.: Maria Antonieta de Sepulveda Ewerard, Maria Ernestina de Sepulveda e Souza, Laura Leite, Alvina Simas, Anna Simas, Maria Isabel Simas, Ernestina Aguiar, Maria Candida da Silveira, Candida Becker, Angelina Povoas, Luiza Ferreira Linhares, Maria Francisca da Silva, Leonor Novaes Carvalho, Zulmira Mascarenhas d'Almeida, Maria Coitinho Novaes, Amelia Victor Paulino, N. Mirandella, Luiza Coitinho.

—

FALLECIMENTO

Durante o anno corrente, tivemos a lamentar a perda de um illustre e digno patricio e socio, capitão dr. Quintiliano de Souza e Mello.

—

SOCIOS

Existiam em 1 de Abril de 1899. .	121
Entraram até 28 de Fevereiro de 1900	67
Total. . .	188
Sahiram.	13
Existem. .	175

dos quaes :

Contribuem. .	160
Benemeritos. . .	2
Honorario. . .	1
Ausentes. . . .	8
Desempregados.	4
Somma	175

—

RELAÇÃO NOMINAL

general dr. Alexandre Marcellino Bayma.
dr. Theophilo Nolasco de Almeida. (*benemerito*).
tenente João Nepomuceno da Costa
tenente-coronel Septimio Werner.
Nelson Costa.
guarda-marinha Manoel Bricio Guilhon.
Emilio da Silva Simas.
dr. Celso Bayma.
tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva.
Ranulpho Souza.
João Engelk.
major Zoroastro F. da Cunha.
Manoel Paulino de Aguiar.
dr. Evaristo Nunes Pires.
dr. Arthur Ferreira de Mello.
José Antonio de Souza Junior.
tenente-coronel Izidro Carneiro da Franca.
almirante José Pinto da Luz.
almirante José Marques Guimarães.
capitão-tenente Henrique Boiteux.
dr. Manoel C. do Rego Barros.
José Augusto Crespo.
Henrique Livramento.
dr. Alfredo Goeldner.
José Ramos da Silva Junior.
dr. Luiz Delfino dos Santos.
Annibal Nunes Pires.
Abilio Whitton.
senador Antonio J. Esteves Junior.
João Varzea.
Luiz Victor Varzea.
Manoel Luiz da Costa.
conselheiro M. da Silva Mafra.
José Wolff.
commendador Victor Meirelles de Lima (*benemerito*).
Pedro Nolasco Ferreira da Silva.
dr. Lauro Severiano Müller.
1°. tenente João Carlos Mourão dos Santos.
dr. Lacerda Coutinho.
Alexandre Cardoso.
dr. Candido Nunes Pires.
Claudino Vicente da Rocha.
commendador Jorge Conceição
Antonio Fernandes Capella.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

aspirante Lucas Boiteux.
padre João Manfredo Leite.
Alexandre Bayma Junior.
commendador Antonio Nunes Pires.
Mario Brandão.
Francisco Tolentino de Souza.
dr. Pedro Ferreira da Silva.
marechal dr. Francisco Carlos da Luz.
João Haberbeck Lobo.
Manoel Caldeira.
José Olympio de Souza.
Rodolpho Goudel.
Germano Thieme
alferes Francisco Liberato Bittencourt.
Manoel Chagas.
Luiz Martins Collaço.
capitão-tenente Domingos Custodio de Almeida.
Rodolpho Lobo.
Phebo Leite.
Jacob Emilio Bergmann.
1° tenente Arnaldo Siqueira da Luz.
José Ramos de Azevedo.
Saul Ulysséa.
Woldemar Klaes.
tenente Vital Cardoso.
Ricardo Blumeyer.
Trajano Luz.
Boaventura da Costa Vinhas.
capitão dr. Estanisláu Pamplona.
Simplicio Manoel da Silva Junior.
Eduardo Henrique de Paiva.
Manoel de Araujo Antunes.
João Leopoldino Teixeira Bastos.
Alcibiades Siqueira.
tenente-coronel Luiz Barbedo.
Angelo Victorio do Valle.
guarda-marinha Leodgardo Luz.
Braz da Silva Coutinho.
Manoel da Silva Coutinho.
Julio Geraldo da Rosa.
Victor Pettes.
tenente dr. Manoel Liberato Bittencourt.
Humberto Lobo.
Horacio Brandão.
José Henrique Marques Guimarães.
Antonio Guimarães Cabral.
Hugo Delayti.
Manoel da Costa Pereira.
Henrique Becker.
capitão de fragata Julio Machado de Oliveira.
capitão-tenente Augusto Guedes de Carvalho.
João Corcoroca.
Sebastião Vieira Fernandes.
Antonio Schneider.
Deoclecio Tancredo Wellington.
Augusto Boecker.
Chrispim de Mira Junior.
tenente José Dias de Almeida.
Jacob Klaes.
Antonio Pedro da Silva Medeiros
Eugenio Müller Filho.
José Bricio Guilhon.
Francisco Vieira Fernandes.
Severo Flôres.
Rufino Antonio de Oliveira.
José Candido Nunes Pires.
Frederico Raulino.
1.° tenente Arthur de Oliveira.
Genaro João dos Santos.
João E. Veira de Aguiar.
Walter Kläes.
Eduardo Conrado Duarte Silva.
1.° tenente Dorval Melchiades de Souza.
Marciano Noceti.
Raul Pereira da Silva (*honorario*).
Rodolpho Riegel.
Octavio Melchiades de Souza.
alferes Elieser Henrique da Costa.
Targino da Silva Mafra.
alferes alumno Nestor Sesefredo dos Passos.
alferes Hermelino Jorge de Linhares.
José Olibio Lopes.
alferes Eulalio Franco Ribeiro.
João da Silva Medeiros Filho.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Dacio Magalhães.
Aureliano Francisco de Souza.
Belmiro de Souza Tornel.
Osny Martins.
Francisco Guimarães Alves Nogueira.
Eugenio Trompowsky Taulois.
Arnoldo Hautz.
Paulo de Aquino Fonseca.
alferes Horacio Cotrim.
dr. Victorino de Paula Ramos.
Tarquinio Medeiros.
Tarcillo Medeiros.
capitão Francisco Theophilo Cardoso.
Candido Luz.
alferes Candido José do Nascimento.
João Paulo de Miranda Carvalho.
Antonio Coutinho.
Antenor Caldeira.
Lafayette Pereira.
Juvencio Watson.
tenente Alfredo Bernardino Dutra.
José Maria do Valle Ramalho.
Lucio Benevenuto.
Abelard de Oliveira Trindade.
alferes João Fiuza Pequeno.
Joel Augusto da Silva.
Manoel Victor da Fonseca Galvão.
capitão tenente dr. Diogenes Buys de Lima e Silva.
Luiz Nunes Pires.
Joaquim José de Souza.
Carolino Linhares.
Manoel Machado Falcão.
alferes Mario Oscar de Faria Ramos.
Pedro Celestino Telles de Menezes.
Ernesto de Souza Bainha.
Wendelino Sant'Anna d'Oliveira.
Deusdedit Telles de Menezes.
Virgilio Varzea.
capitão Manoel Joaquim Machado.
Theobaldo José Ramos.
Juan Prats Garcia.
Crancisco Xavier da Silva.
Fincinato Livramento.
Carlos Marques Leite.

COMMISSÕES PERMANENTES

Uma das melhores disposições tomadas durante a minha administração foi, sem duvida, a do estabelecimento de commissões permanentes, como representantes do «Centro» nas diversas localidades do Estado. Até o presente se acham constituidas as de Florianopolis e do Tubarão.

Nada posso adiantar sobre a ultima, composta dos srs. Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e coronel Francisco Gonçalves da Silva Barreiros, de cujos trabalhos não tenho ainda noticia official. Acredito, porém, que tão dignos patricios não se tenham descuidado dos altos interesses confiados a sua reconhecida competencia.

A de Florianopolis, presidida pelo Sr. Durval Varella Alves e composta dos srs. Leonidas Branco, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior, tem-se desempenhado com galhardia da missão que lhe distribuimos, como attestam os donativos constantemente enviados d'aquella cidade, á nossa bibliotheca. Tornam-se, por isso, os seus membros dignos da gratidão do «Centro» que nelles vê o prolongamento do grupo de trabalhadores infatigaveis, que hão de fazer desta sociedade uma instituisão respeitavel pelos meios e abençoada pelos actos.

Deixo-lhes aqui os agradecimentos de que se fizeram merecedores pelo zelo manifestado no auxilio prestado á minha administração.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

—

Procuranto dar a maior divulgação ao estado do «Centro», dei publicidade ao presente relatorio, para que se possa bem julgar dos nossos serviços. Moço tambem, comprehendo a responsabilidade que assumi e com isto não faço mais que dar uma satisfação publica do meu procedimento, para que todos possam ajuizar delle. Si no decorrer do presente trabalho, fui alem do periodo da minha administração, só tive como fito demonstrar as dificuldades com que as suas directorias tem arcado até aqui, e que só com o tempo irão desapparecendo. Agradecendo aquelles que em mim depositaram excessiva confiança acclamando-me Presidente e reelegendo-me. ha 1 anno, só tenho a dizer que sempre me sentirei penhorado por tão subida honra, continuando a trabalhar pela Patria que mais amo, o feliz e prospero Estado de Santa Catharina.

THEOPHILO NOLASCO D'ALMEIDA.
Presidente.

Transfiguração

(*Continuação*)

V

E minha alma trabalha, a ver se pode
Jungir dois alvos lirios perfumados,
Que possam ir aos astros luminósos
Levar-te, num rumôr silente de óde.

Tu não irás na concha alabastrina,
Como Venus chegou a concha praia:
E' sobre lirios, que minha alma ensaia,
Ver-te no azul do céo, na luz divina.

Tenho visto em Leonardo, em Sanzio, em Rubens
Uma figura de mulher formosa,
Que o soberano privilegio gósa
De andar por cima de anjos, e de nuvens...

Nos seus braços angelicos descança
Uma creança placida e ridente,
No olhar de mãe, que é quasi descontente,
Todo um Sol de clarões de amor lhe lança..

Oh! Se eu pudesse!... Foras tu aquella
Mulher a mais sublime, e a mais perfeita,
Se eu tivesse o universo na palhêta,
E déra a vida, ao que emprestara á téla.

Dois lirios brancos, nitidos abrindo
As petalas gentis em fórma d'azas,
Na óde, em que o oiro das estrophes vazas
Irão talvez os seculos subindo...

Irão talvez, ó muza, que confias
Na eternidade, por que quero vel-a
No céu da gloria, em seu logar de estrella,
Taça de luz, em que hoje te enebrias.

Ai! meu amor, já foram-se os ciumes:
Minha alma, como uma harpa éolea acorda,
Só em ver-te um momento e fica á bórda
De um abysmo de luzes e perfumes.

Sinto as estrophes nos umbraes da aurora
Tirando á óde, em que te léva a esphéra:
Oh! nenhuma melhór subiu: — Espéra:
Toma um beijo primeiro, e vai-te embora.

Ah! não és tu; é do teu nome a fama!...
Eu pude pois, como a Beatriz o Dante,
Dar-te um nome immortal, ó minha amante?
Vejo, que póde muito então, quem ama.

Mas... quem ós tu, que eu amo, e adóro tanto,
Anjo, huri, bella estrella peregrina?
Tu só te chamas a mulher divina:
E' preciso calar teu nome santo.

Que nome tem aquelle diamante
Colhido ao fundo coração do rio?
Como se chama o ástro luzidio,
Deuses, que não tem nome, e está distante?

Chama-se o diamante, a estrella: quem procura
Da pedra o nome, que encadêa a chamma?
Basta que saiba o nome teu, quem ama,
Astro de amôr de luz tão doce, e pura.

VI

Em que deu o meu ciume,
Flôr!
Minha vida aos pés de um nume
Pôr,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Vi surgir teu rosto lindo
Só;
Fez, do meu furor cahindo
Pó.

Ai! em mim tu pódes tudo!
Ai!
Vens, meu zêlo esvaher-se, e mudo
Cahe.

Tudo em ti se coaduna:
Tens
Em ti sol, Deus, céu, fortuna,
Bens.

De um bom anjo tens o lindo
Rol:
Sol de amôr, ó meu bem vindo
Sol.

Em ti só minha ventura
Puz,
Astro, em que só vejo pura
Luz.

Eu não tenho um pensamento
Vil:
De mil, que carrega o vento,
Mil.

São poêmas, são gorgeios,
Que
Deus da minha alma nos seios
Vê.

Amôr não córes, não temas,
Não.
Só para ti mesmo pôemas
São:

Alma, coração ardente.
Fé
Para ti. ó flôr, somente
E'.

Estejas bem longe, ou perto
Vaes,
Ninguem te amará de certo
Mais.

Pódes buscar um formoso
Rei:
Digna és de ter esse gôso,
Sei.

De levantar a tua vista
Bem,
Para o que dessa conquista
Vem.

Povos, vassallos, realeza...
Crú
Destino tinhas, princeza,
Tu.

Vento, que em furia rebenta
Máu,
E que ao mar leva a opulenta
Nau,

Rainha, a vida te fôra,
Tal:
Reina em minh'alma: uma aurora
Val.

Que, o que tem de bom p'ra dar-te
Deu:
Querer-te, amar-te, adorar-te,
Eu.

No palacio, ou na mansarda,
Oh!
Tu és meu anjo da guarda
Só.

E's o sol, que ao cego o dia
Traz:
Vida, riqueza, alegria,
Paz.

LUIZ DELFINO

(*Continúa*)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

AS NOSSAS CIDADES

I

Vamos hoje dar ligeiras noticias historicas das principaes cidades catharinenses.

Começaremos pela capital, a velha e sympathica Desterro, pois que, alem de ser o centro administrativo, é centro commercial e intellectual do Estado.

São notas tomadas ao acaso por quem não alimenta a pretenção de historiador e que fita sómente distrahir por alguns minutos os nossos patricios.

—

O primeiro estabelecimento da ilha dos Patos, outr' ora conhecida pelos indios por *Yjuriremirim*, data do anno de 1651 e foi começado pelo valente povoador Francisco Dias Velho Monteiro.

Este celebre colonisador deixou o porto de Santos, acompanhado de sua familia, da familia de José Tinoco, de dois padres da Companhia de Jesus e de quinhentos indios domesticados. Escolhido o local para o novo estabelecimento, o primeiro trabalho dos colonos foi a edificação de uma ermida, que Francisco Dias Velho Monteiro dedicou a Santa Catharina, nome de sua primeira filha.

Essa ermida existiu por muito tempo no lugar em que está edificada hoje a Igreja Matriz.

D'esse facto provem o nome de Santa Catharina, dado posteriormente á ilha e á provincia.

Por muito tempo prosperou essa arrojada empreza e se não fosse o espirito bellicoso da epocha, não se desenrolariam os acontecimentos que a fizeram definhar por muitos annos.

Contam os historiadores o fim tragico de Francisco Dias Velho Monteiro, a retirada de seus filhos, João Pires Monteiro e Salvador Pires Monteiro, e a decadencia da colonia como consequencia d'esses factos.

Um corsario hollandez aportou a praia das Cannasvieiras, de volta de uma viagem ao Perú, d' onde trazia grande quantidade de prata.

Sendo necessario fazer reparos no navio, foi feita a descarga sem que os piratas suspeitassem que pisavam terra habitada.

Dias Velho Monteiro preparou uma sortida com os seus indios e, de sorpreza, cahiu sobre a tripulação do corsario, fazendo-a fugir para bordo, abandonando em terra a valiosa carga e alguns companheiros mortos.

A prata apprehendida foi cuidadosamente guardada na ermida, por ser a casa mais fórte da povoação, não suppondo Dias Velho que mais tarde pagaria com a vida uma aventura coroada de tanto exito.

Um anno depois aportou em S. Francisco uma expedição vingadôra, que, tomando pratico, demandou a ilha, indo ancorar na barra do norte.

Tendo sido avisado, Dias Velho Monteiro oppôz forte resistencia, frustrando assim a primeira tentativa dos invasores, que simularam uma retirada.

Aproveitando a escuridão da noite os inimigos da colonia desembarcaram na Praia de Fóra e, protegidos pelas mattas, conseguiram chegar até a ermida.

Ao romper do dia foi assaltada a casa de Dias Velho, que foi preso assim com toda a sua familia. A covardia e a falta de direcção dos in-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

dios deixaram o chefe da colonia sem defesa, o que originou scenas de banditismo praticadas pelos hollandezes.

As filhas de Dias Velho Monteiro foram violadas na sua presença. Este acto de perversidade dos piratas desesperou o velho colono, que procurando arrancar a espada da cinta de um d'elles, foi covardemente assassinado.

Terminou assim a vida d'esse homem a quem a velha cidade catharinense deve os seus primeiros fundamentos.

Os hollandezes não satisfeitos com as barbaridades praticadas, conduziram para bordo as familias de Monteiro e de Tinoco.

A intervenção dos padres e os muitos presentes de viveres feitos por João Pires Monteiro, filho do assassinado, demoveram os corsarios. As familias foram desembarcadas e os hollandezes seguiram com a prata para o seu destino.

Esse desastre contribuiu para o enfraquecimento rapido da colonia, pois que Joao Pires Monteiro e Salvador Pires Monteiro, pouco depois de concluirem a ermida, abandonaram seus estabelecimentos regressando a S. Paulo.

Por tradicção sabe-se que foram conservadas por muitos annos, nas paredes da ermida onde fôra assassinado, as manchas do sangue do intrepido povoador.

—

O segundo povoador foi Domingos de Brito Peixoto, que deixando S. Paulo com toda a sua familia, indios e escravos foi se estabelecer na enseada, que é hoje conhecida por enseada de Brito.

Domingos de Brito passou mais tarde para a Laguna.

O terceiro povoador foi Antonio Affonso, que com seis companheiros veio para a ilha em 1666.

Em 1698 foi a colonia augmentada com vinte casaes trazidos pelo capitão Antonio Bicudo Camacho.

Em 1714 partiu de S. Paulo uma nova expedição, composta do capitão-mór Salvador de Souza, do sargento-mór Manoel Manço de Avellar, de muitas familias e de indios domesticados.

Foi assim progredindo a povoação, ainda que lentamente, com esses pequenos accrescimos de habitantes. Em 1720 a ilha de Santa Catharina tinha 27 casaes com mais de 130 pessoas, sendo por isso creado um juiz ordinario, um tabellião e um escrivão de orphãos.

Nesse anno foi tambem determinado que se elegesse um capitão de ordenanças, um alferes e dois sargentos, ficando o povo com obrigação de pegar em armas quando fosse necessario.

No dia 26 de Março de 1726, foi pelo Ouvidor de Paranaguá, Antonio Alves Lanha Peixoto, creada a villa de Nossa Senhora do Desterro, hoje a primeira cidade do Estado.

Para commandar a ilha foi nomeado, em 11 de Dezembro de 1735, o mestre de campo *ad honorem* Francisco Dias de Mello, que substituiu o primeiro commandante Sebastião Rodrigues Bragança.

Este commandante augmentou a população branca da colonia com os tripulantes fugitivos de um navio hespanhol, que havia fundeado na enseada de Cannasvieiras, para fazer reparos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Essa tripulação, constantemente maltratada pelos officiaes, fugiu de bordo e procurando desembarcar na Praia da Figueira, foi primeiramente repellida por Bragança, que ignorava as suas bôas intenções.

Depois da troca de tiros, chegaram a falla e lhes foi permittido o desembarque.

Ao commando de Francisco Dias de Mello succedeu, em 1737, o do capitão d'infantaria de linha Antonio de Oliveira Bastos, que trouxe para a nova ilha o primeiro destacamento militar, assim como diversas familias naturaes de Portugal.

O commando do capitão Bastos terminou em 7 de Março de 1739, com a entrega do governo ao distincto brigadeiro José da Silva Paes.

N. C.

(*Continúa*)

Sadi Carnot

. . . . . .

Para mim Sadi Carnot assume proporções as mais sympathicas como homem politico.

Com effeito tomar a França no caminho em que ia de sua grandeza, mas separada, isolada, segregada da communhão européa por esse nervo de aço, que a habilidade politica de Bismarck tinha conseguido crear no centro da Europa, como um traço de separação; introduzir por esse nervo um braço bastante geitoso, e forte, e habil, para ir do outro lado encontrar e apertar a mão affectuosa e amiga da Russia, restabelecendo por meio da perspectiva da força o equilibrio europeo que a força descommunal da triplice alliança trazia ameaçado; perpetuar por esse modo o regimen da paz, ainda que armada, e tudo isso sem embaraçar, nem difficultar o caminhar da nação para a sua prosperidade, que é a sua riqueza material, e para a supremacia dos povos, que é a sua aspiração intellectual, — modestamente, despretenciosamente, como quem não quer a cousa, antes parecendo cuidar só e somente de suas conveniencias internas: — convenhamos, não é cousa que esteja ao alcance de todos, e a prova mais evidente de que não é — está nesse sentimento universal, que sua morte despertou.

Junho de 1894.

R. J.

SONETO

A' memoria do Imperial Marinheiro Marcilio Dias

(Offerecida ao sr. dr. Theophilo Nolasco d'Almeida)

O' bravo marinheiro! O' alma santa!
Que pagaste com a morte o teu tributo,
Envolvido, valente e resoluto,
N'essa altiva bandeira sacro-santa!

Esse teu porte altivo se alevanta
Como um exemplo ao paraguayo astuto
Que, tremendo, recúa como um bruto,
Ante a bronzea coragem que o espanta...

O teu nome será, campeão da gloria,
Uma brilhante pagina de amôr
Da tua amada patria na historia,

Terás tu, entre os bravos um logar,
O' pobre marinheiro que tão alto
Soubeste essa bandeira levantar!...

Dezembro 29 de 1899.

Mario Emilio de Carvalho

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O PORTO
DE
S FRANCISCO DO SUL
ARSENAES
IV

Com effeito, convençamo-nos de uma vez: os saudosos tempos das esquadras de madeira dormem no passado ; querer despertal-os é querer retrogradar. Infelizmente nós, que algo já temos adquirido deste progresso moderno e que dizem civilisador, não podemos negar a relutancia que temos encontrado ; mas, é preciso dizer ainda, que maior perigo nos ameaça, qual o de vivermos sob a enganosa supposição de que os tempos de hoje, são os memoraveis tempos do Paraguay.

Senhores da Nação, si é que me lêdes, as gloriosas tradicções da marinha brazileira, tem concorrido para a nossa decadencia naval; dormis tranquillos sobre estes louros, descuidosos e indifferentes, confiantes no nosso patriotismo e na nossa bravura, como si tanto bastasse para vencer hoje..

Eis porque vemos o nosso Arsenal levar 14 annos a armar um crusador, como si tivessemos a pretenção de em occasião de guerra, lançarmos ao mar muitos como elle. Lembremo-nos, porém, que outr'ora as lutas armadas levavam annos e as construcções navaes alguns mezes, e que actualmente é justamente o contrario.

Isto na Europa, imaginem na America do Sul...

E' este pesadello terrivel em que vivemos, que nos faz ter o nosso melhor Arsenal sempre junto a esta grande Capital, esquecendo-nos de que, si outr'ora este mercado tudo podia fornecer á construcção naval, hoje é insufficiente, porque as construcções são muito mais caprichosas, de custosos reparos e o seu material de difficil acquisição.

Construamos com material nosso navios poderosos com o fim de educarmos pessoal e nos libertarmos da Europa, quanto isto nos fôr possivel, mas não tenhamos a pretenção de armal-os durante uma guerra: é esta a crença que, parece dominar o nosso espirito e tanto assim, que o mais poderoso navio, cahido dos nossos estaleiros, tem, pode-se assim dizer, sido armado no nosso Arsenal, pois desde o calafeto até a couraça foi importado da Europa.

Imprevidentes nos chamarão um dia, quando, depois do primeiro encontro, ficarmos paralysados, sem poder reparar as avarias da nossa esquadra, já pela situação do nosso primeiro Arsenal, jà pela falta de material apropriado.

Assim, depois desta leitura, não ha quem não se convença de que não ha mais rasão de ser na permanencia do Arsenal, ou ligação do mesmo, á praça do Rio de Janeiro : primeiro, porque o seu commercio não estando nos casos de abastecel-o, de sobresalente que nelle devem ser encontrados ; segundo, porque sendo mistér, libertar-nos o mais breve possivel das construcções europeas, nas quaes sempre dominam defeitos a par de muita má fé, devemos procurar ter vida propria, para delle tudo esperarmos ; do contrario é preferivel não possuil-os.

Actualmente, porém, que nos achamos nas peiores condições só devemos procurar remediar o mal, buscando

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

sempre attingir aquelle gráo de prosperidade.

Para isso devem os arsenaes satisfazer a estas duas necessidades capitaes: primeira, possuir, sem poupar esforços, pessoal habilitado e material apropriado, para reparar quaesquer avarias dos nossos navios; segundo, material sobresalente em quantidade a encetarmos desde já a construcção de torpedeiras dos typos mais modernos e aperfeiçoados para defeza da nossa costa, tão desguarnecida e difficil, afim de habituarmos o pessoal, neste ramo de construcção naval. Pretender, hoje, construir crusadores e couraçados durante uma guerra é enganar-se a si proprio, é illudir a Nação, é trahir a Patria.

V

Quem quer que seja póde avançar uma proposição, acerca de qualquer assumpto; deffendel-a porém, é mais difficil: a alguns pela falta de base e a muitos pelo excesso de paixão. Pois eu, além de algumas, que já tenho sustentado, enuncio mais esta: —O Porto de São Francisco é, no Sul do Brasil, o mais appropriado a um arsenal — esperançado de breve vel-o confirmado, praticamente, mesmo porque, uma vez apresentada, começou a ser applaudida logo.

Que o digam algumas das maiores summidades na marinha, como sejam os almirantes Proença e Noronha. E' que a ideia partida de um dos menos competentes officiaes subalternos da armada, reformado, não deixou de brilhar, reflectindo, ainda que longe dos horisontes da Capital Federal, o valor real do porto em discussão.

Podem dizer alguns que só mais tarde, terá elle valor; outros, que as vasantes, a que são sujeitos os rios, obrigarão a obras d'arte de grande valor; outros, emfim, que não é possivel n'um porto como São Francisco sujeito á baixa-mar, deixar uma esquadra uma vez avariada, accossada pela artilharia de outra, a mercê da enchente: si assim se manifestam, é que nem uns, nem outros o conhecem *de vista*.

Com simplicidade e laconismo, eu lhes responderia, como faço neste momento, guardando comtudo, para adiante maior desenvolvimento: — O porto de São Francisco não é tão sujeito á estas grandes vasantes; as marés alli, são as mais communs possivel, e, quando assim não fosse, não tenhamos mais essas illusões de, dada a possibilidade de uma batalha naval, reparar avarias. O mais forte ha de esmagar o mais fraco, destroçando-o, ou tomando presas: que o digam Montojo e Cervera. Si outro tanto não succedeu com a esquadra chineza, no combate de Yalú, durante a guerra chino japoneza, que lhes responda o Capitão Mahan que se batia a bordo de um navio chinez, e cujas opiniões constam da *Revista Maritima*, ultimos numeros de 1899.

Continuemos, pois, a discutir o assumpto, especialmente agora, quando todos si occupam da defesa para o que nunca é cedo e, penso, se fará alguma cousa. N'uma é poca em que tudo é duvida, não deixa de ter justificativa toda a previdencia, mesmo porque é justamente nestas occasiões, neste fim de seculo em summa, quando vemos pairar uma interrogação sobre todas as nações do mundo, com especialidade nas mais fracas, que, naturalmente vemos fluctuar todos os recursos de que podemos lançar mão. E... é de lastimar, seja assumpto

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tratado com um abandono, quasi esquecimento, quando de todos os lados devera partir o argumento, elucidando-se a questão. Argumentemos com a razão, procuremos produzir, que para isso já ha entre nós bastante competencia; não nos deixemos, só, suggestionar com leituras de obras extrangeiras com especialidade européas, cujas theorias, até certo ponto, sómente lá, tem praticabilidade. De modo diverso é querer ir de encontro aos elementos de que dispomos; é pretender amoldar a nós, quasi um impossivel; é pretender convencer a todos, que um barometro pelo facto de prognosticar o tempo na França, deve-se achar de accordo com os mesmos phenomenos meteorologicos no Rio de Janeiro. Para o hemispherio Norte é tudo ao inverso do hemispherio Sul: as estações, as correntes de Ampère nos imans, a lei de Droe ou lei dos ventos e até a marcha dos cyclones.

Indifferente, porém, não é — dizia eu em 1895—o snr. Ministro da Marinha Custodio José de Mello, previdente como deu provas no seu relatorio, quando, referindo-se ao typo crusadores, assim se exprime: « Este systema — crusador a vapor — na Europa, é preferivel; entre nós, porém, sem depositos ao longo de nossa costa para que os nossos navios estejam sempre com as suas carvoeiras attestadas, parece que aquelle typo— crusador mixto — não deve ser despresado,

E' a estes depositos que me vou referir, e cuja pratica bem póde ser iniciada.

São Francisco, para que se torne bem conhecido desde já dos profissionaes, urge, quanto antes, quando outros estudos mais importantes não si queira fazer, seja um delles; mesmo porque mudar o arsenal, é um modo de dizer, além de que isto mesmo não seria obra de um mez nem de um anno, mas de muitos, o que anteriormente já dei a perceber, quando apresentei o modo que me parece mais pratico de levar avante a sua execução.

Obrigar os navios de guerra, em viagem d'aqui para o Sul, a attestarem alli suas carvoeiras, tambem não me parece mau, uma vez que se deseja fazer algo a respeito, conseguindo-se com isto conhecimentos, que só com dinheiro, mais tarde, virão a ser adquiridos. Além d'isso, as commissões enviadas para dar parecer e fazer estudos de explorações, são como o nome bem diz, verdadeiras explorações aos cofres do Thesouro e na sua maioria, têm sido para a marinha, a aza negra, o azar da sua administração. Si os officiaes d'armada sabem o que precisam para a garantia e bem estar, presentes e futuros, da sua Patria e da sua classe, creio, não serão os habitos a todas as commodidades de terra, e a ver todos os assumptos por um prisma scientifico, que nos ha de adiantar muito. O muito estudo de gabinete não è para nações que começam; estas precisam muito, e muito, além de outras cousas, senso e pratica.

T. N. d'Almeida.

Assignaram o livro de presença do « Centro Catharinense », durante o mez de Fevereiro findo, 602 visitantes, ou mais 82 do que em Janeiro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

"Centro Catharinense"

Em sessão de assembléa geral, reunida sabbado ultimo, effectuou-se a eleição da nova directoria, que funccionará no anno social de 1900-1901.

Foram escolhidos pelos votos presentes á reunião: Presidente — José Ramos da Silva Junior, 1.° vice — João Corcoroca, 2.° — João Leopoldino Teixeira Bastos, 1.° secretario — Nestor Passos (reeleito), 2.° — Joél Augusto da Silva, 1.° orador — dr. Celso Bayma (reeleito), 2.° — Luiz Nunes Pires, thesoureiro — Rodolpho Goudel, bibliothecario — Emilio Simas, commissão de beneficencia — Manoel Aguiar, Manoel Luiz da Costa, Tarquinio de Medeiros e Annibal Nunes Pires (reeleito), commissão fiscal — Manoel Bricio Guillon, Jacob Bergmann e Octavio Melchiades.

Na mesma sessão foi deliberado:

lançar em acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento do nosso patricio senador Esteves Junior, facto a que nos referimos em outro local da *Revista*;

considerar socios benemeritos os srs. Sebastião Vieira Fernandes e Antonio Cezar Burlamaqui, encarregados que foram da feitura dos retratos de Annita Garibaldi e contra-almirante Pinto da Luz, que figuram na sala de honra do «Centro»;

registrar em acta um voto de louvôr á directoria cujo mandato está a findar;

dar caracter definitivo á actual commissão de redacção da *Revista*, até final approvação do regimento interno;

solicitar do governo do Estado de Santa Catharina o auxilio de que é merecedor o nosso talentoso patricio sr. Virgilio Varzea, para a publicação de um livro seu relativo á historia de Santa Catharina.

Infelizmente a absoluta carencia de espaço e o estado em que já se encontra o presente numero, inhibem-nos de noticia mais detalhada do assumpto.

INDUSTRIA CATHARINENSE

I

UM PROJECTO

Affigura-se-nos de necessidade deixar, desde já, claro o que inspirou a organisação da primeira noticia que, subordinada á epigraphe — *Industria Catharinense* —, tivemos o prazer de ver publicada no numero anterior da *Revista*, pedindo o apoio dos industriaes patricios, para com as luzes das suas informações e do seu saber, nos auxiliarem em commetimento tão sympathico, qual seja o de dar a maior publicidade possivel aos recursos prodigiosos de que é dotado o Estado de Santa Catharina.

E' claro que o nosso esforço não se limitará á divulgação das industrias já estabelecidas e em perfeito funccionamento. Seria muito pequeno, quasi nullo, o resultado provavel, comparativamente ao que prevemos. Justificar-se-ia mal o trabalho, nesse sentido, dadas as condicções actuaes da nossa producção, quando, felizmente, não nos escasseiam os mercados, pelo menos que o saibamos.

Acreditando de boa fé nas poucas informações que possuimos, a convicção a que somos fatalmente arras-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

tados é muito outra: havemos necessidade de augmento de producção, que consumidores não nos faltarão por muito tempo.

Vemos, para isso, um unico caminho a seguir, o que nos parece mais rasoavel,—a animação ao capital tão irresoluto, na época de temores e incertezas que vamos atravessando. E' assim que agiremos, porquanto assim o entendemos mais pratico e, ao mesmo tempo, mais racional.

Quando muito poucos nos conhecem, tudo o que produzimos e o que somos capazes de produzir, o melhor meio, o mais efficaz, é sem duvida, mostrar o que temos organisado em franca actividade. E' o melhor, mas não completa a acção necessaria ao quanto necessitamos.

Si a nossa voz tivesse sufficiente autoridade para mover alguem ao seu chamamento e outras, mais prosperas, fossem as condicções de vida do «Centro Catharinense», nos abalançariamos a levantal-a para lançar a idéa de uma exposição permanente dos nossos productos, pela qual se pudesse materialmente aquilatar do que somos capazes. Infelizmente não nos è possivel ainda attender a tão elevadas despezas, a não ser que em soccorro nosso se estenda a mão protectora dos, como nós, interessados em que se façam conhecidas as condicções reaes do Estado de Santa Catharina.

Seria, não ha duvida, um movimento util, cuja lembrança não nos pertence e nem lhe pretendemos a prioridade. Almejamos apenas que, lançada nestas linhas, e sujeita ao *veredictum* dos competentes, seja realidade proxima, magoando-nos tão sómente não termos a força necessaria para fazel-a effectiva já e já.

E' necessario que não nos amedrontemos, como a alguns falsamente se afigura, com a pequena diversidade da nossa producção. Somos, felizmente, pelas nossas condicções especiaes, dos que pódem apresentar, si não a maior, talvez uma das maiores variedades do quanto é capaz a natureza fertil em harmonia com o engenho humano.

O norte faria valer a sua extraordinaria actividade fabril, tão admiravel e tão pouco conhecida no paiz; o sul testemunharia a pujança das nossas terras, da qual são argumentos indestructiveis os valles inexgotaveis do Tubarão e do Araranguá; a serra mostrar-se-ia na sua riqueza pastoril e productos co-relativos, capazes todos de fazer pasmar os incredulos, ou os ignorantes de que a nossa producção serrana, desgraçadamente, ainda hoje se escôa com muito maior facilidade para o interior do Rio Grande do Sul, do que para o littoral catharinense.

As nossas florestas, as nossas costas e os nossos rios, seriam pelos seus productos maravilhosos, o attestado mais vibrante da prodigalidade nababesca da natureza para a terra catharinense. As fartas riquezas mineraes, tão mal consideradas, que se occultam nas terras catharinenses, tudo quanto a ambição humana não se cansa em procurar, seria a mais notavel consagração do quanto tem até hoje proclamado os verdadeiros e sinceros amigos da nossa terra.

Tudo isso, facto inconteste cuja existencia é capaz de convencer á mais obtusa incredulidade, tornar-se-ia — e é unicamente o que nos falta — conhecido do todos, no dia em que pudessemos inaugurar a EXPOSIÇÃO DOS PRODUCTOS CATHARINENSES.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Animo, pois, e mãos á obra, que, assim, cada um de nós terá feito obra immorredoura, de que se orgulharão os vindouros. Animo, e com o pequeno exforço de cada um, o que hoje se nos antolha difficuldade insuperavel, será a mais franca consagração de que «tudo póde quem sabe querer.»

II

AS DIFFICULDADES

Nao é, certamente, de facil realisação o quanto deixamos esboçado acima. Ha a attender a duas ordens de considerações—umas, relativas a avultadas e imprescindiveis despezas, outras, á natural reluctancia que se manifesta deante das tentativas cujo exito immediato não seja evidente á primeira vista. Mesmo assim, porem, não são ellas de ordem a desanimar a quem comprehenda os valiosos resultados de uma EXPOSIÇÃO CATHARINENSE. As primeiras, já o dissemos, estribam-se em grande parte na deficiencia de meios do « Centro Catharinense », infelizmente ainda incapaz de arrostar, sósinho, tão grande empreza. As outras entram na ordem das difficuldades menores, pelo menos no que nos diz respeito.

Coroados ou não de exito os exforços que viermos a empregar, isso pouco importa ao caso, ninguem contesta a sua utilidade. Devemos, portanto, tental-os, desde que consigamos arredar as difficuldades pecuniarias. « Antes fazer debalde, do que estar debalde », ouvimos muitas vezes de um velho e sabio mestre, cujos bons conselhos guardamos ainda hoje, quando passados mais de quinze annos, e não ha dia em que não tenhamos occasião de relembrar esse moralisador conceito, que na sua concisão tao perfeita encerra um tractado de moral.

Tem sido elle, até hoje, a nossa sombra, o companheiro inseparavel de todas as horas, o cordeal a todos os desfallecimentos — e é o que nos inspira no momento de traçarmos estas linhas, confiadas ao criterio dos que, porventura, nos concedam alguns minutos dos seus affazeres. O quanto fizermos nesse sentido, ainda mesmo não conseguido tudo, será auxilio muito valioso para que outros, mais felizes, realisem com proveito completo.

Não vai nestas palavras intento de amesquinhar as difficuldades. Seria irrisorio isso, quando o nosso dever é encaral-as de frente, comprehender-lhes o valôr, atacar-lhes os pontos fracos, obrigal-as a desviarem-se.

Não são insuperaveis as difficuldades pessoaes — é assim que mais propriamente poderiamos denominal-as. Resumem-se em fazer opinião e recrutar combatentes, objectivos relativamente pouco custosos.

Não ha quem desconheça os effeitos dos certamens industriaes. A tendencia para o dominio pleno do trabalho pacifico, como presidente da inspiração de todos os actos do espirito moderno, é facto. Póde-se, conseguintemente, affirmar que a opinião está feita.

O segundo objectivo secundario, ainda que todo a conquistar, estamos certo, não encontrará grandes resistencias. Não fazemos monopolio de patriotismo nem de bôas intenções. Acreditamos — seja embora optimismo exagerado — todos os homens possuidôres dos mesmos sentimentos que nos animam nas luctas do bem, quando não tenham offerecido demonstração practica em contrario. A muitos, pois, diz-nos o nosso criterio, para acompanhar-nos, falta apenas

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

que vejam lançada na praça da opinião a empreza sympathica da EXPOSIÇÃO DE PRODUCTOS CATHARINENSES.

São elementos certos no computo das forças com que devamos entrar em acção.

Ficam de pé, apenas as difficuldades pecuniarias, cuja consideração, simultaneamente com a da opportunidade, fará assumpto de mais algumas linhas no proximo numero.

G. S.

A necessidade de fazer apparecer o 3º numero da *Revista*, antes de 28 de Março, nos inhibe de iniciar já, como prometteramos, a descripção dos estabelecimentos industriaes existentes em Santa Catharina.

Com esta explicação reiteramos o pedido, feito aos srs. industriaes, de responder ao questionario inserto no nosso penultimo numero.

N. da R.

RETRATO

Rosto comprido, preto bigodão
Por baixo de um nariz de largas ventas,
Taces magras um tanto já ruguentas,
Festa enorme, na altura quasi anão,

Bolsa franca, no trajo um pobretão
Que não liga importancia a vestimentas;
De paixões amorosas violentas
Livre de corpo, d'alma e coração;

Amigo do bom copo e melhor prato
Inimigo de dar a alguem conselho
E aos que o aconselham sempre grato,

Eis ahi Rougodel, já meio velho:
Elle mesmo esboçou este retrato
Tendo a propria consciencia por espelho.

8—2—900.

GOUDEL.

A Agricultura em Santa Catharina

Aspecto geographico e climas. — Culturas antigas e culturas modernas. — Meios de desenvolver a agricultura catharinense. — Exportação agricola do Estado.

E' nosso intuito estudar com algum cuidado este importantissimo assumpto que prende hoje a attenção de todos os brazileiros que procuram diminuir os males actuaes do paiz. A agricultura é a unica salvação para o nosso descalabro financeiro. Sem o augmento da producção agricola e da exportação, de nada nos valerão todos os impostos imaginaveis.

O Estado de Santa Catharina é um dos mais ferteis do Brazil, devido não sómente a sua posição geographica que lhe porporciona um clima delicioso, como tambem ao systema hydrographico, que irrigando convenientemente as terras culturaes dá ao Estado uma fertilidade espantosa.

Para provar essa affirmativa basta lembrar o aspecto physico do Estado pois que, elle nos apresenta duas regiões completamente distinctas, possuindo estas dois climas inteiramente differentes.

A serra do mar que atravessa o territorio catharinense de norte a sul, divide o Estado em duas zonas: *maritima* e *serrana*.

A *maritima* é uma lingua de terra, estreita e apertada entre a serra e o mar.

A *serrana* é um vasto planalto, que da serra vai até os limites argentinos, incluindo o territorio contestado pelo Paraná.

Esta zona comprehende os extensos campos de S. Joaquim, Lages,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Curitybanos, Campo-Bello, Campos-Novos, etc. que são accidentados e apresentam alguns valles profundos.

O systema hydrographico é composto de rios de grandes percursos, alguns volumosos e de bellas lagôas ao sul do Estado.

No litoral destacamos o *São Francisco*, que irriga uma zona fertilissima ao norte, e o *Araranguá*, ao sul, banha uma região virgem que será em breve uma das mais ricas do Estado.

O *Itajahy* banha as ricas cidades de Blumenau e Itajahy e a colonia do Gaspar.

O *Tubarão*, as vezes bastante caudaloso, sae frequentemente do seu leito para fecundar as planices marginaes.

No interior o grande *Canôas* com muitos affluentes, o *Marombas* e *Rio do Peixe* cortam a região serrana regando a campanha em todas as direcções.

A zona maritima e o planalto central possuem climas diversos : é temperado e mais ou menos uniforme na primeira, frio e secco no segundo.

O clima de Santa Catharina foi por Sigaud e Saint Hilaire comparado ao do sul da Europa, incontestavelmente o melhor da terra.

A zona serrana está a mais de oito centos metros acima do nivel medio do mar e a temperatura alli desce abaixo de zéro.

E' magnifico o panorama que nos apresentam no inverno os vastos campos semeados de pinheiraes e cobertos de neve por dias inteiros.

A vegetação, é desnecessario dizer, obedece as condições climatericas e geologicas d'essas zonas, e assim é que os pinheiraes e as immensas florestas da segunda differem muitissimo da vegetação menos opulenta da primeira.

Vê-se claramente do exposto que Santa Catharina deve possuir as producções culturaes dos climas temperados e dos climas frios.

—

As antigas culturas mais importantes eram o café, o algodão, a baunilha, o trigo, o anil e o linho.

A agricultura em Santa Catharina já teve sua época de flôrescencia, havendo mesmo alguma exportação para Portugal, Açores e Rio Grande do Sul. Muito progredio a agricultura no tempo dos antigos governadores coronel Manoel Escudeiro de Souza (1749), d. José de Mello Manoel (1753), major José Pereira Pinto (1786), tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira (1837), pois esses prestimosos cidadãos não pouparam exforços para o seu desenvolvimento.

Ao primeiro deve-se o impulso dado ao cultivo do canhamo que foi com felicidade entregue ao prestimoso lavrador do Tubarão Antonio Gonçalves Ferreira de Souza.

Ao segundo está ligado a celebre obrigação do plantio do algodão. Ao terceiro deve-se o inicio da cultura do anil, a plantação da urumbeba para o sustento do insecto da cochonilha, mandado buscar aqui no Rio.

Tentou tambem extrahir a resina do pinho nos grandes pinheiraes de serra acima. Fez a propaganda do plantio do cafeeiro, importando do Rio e pagando a seis centos e quarenta réis cada libra do precioso fructo.

O tenente-coronel Machado de Oliveira iniciou e animou a cultura do chá, da amoreira e a criação do bicho da seda, dando instrucções e regras para essas culturas.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Café. — Em 1786 o major José Pereira Pinto deu começo a cultura do café, que em 1856 era considerado como o melhor do Brazil pelo commercio dos E. U. da America do Norte.

Hoje as praças de Montevidéo, Buenos-Ayres e Hamburgo, principaes importadoras do café catharinense, o reputam como de excellente qualidade.

Algodão.— Quanto ao algodão, a sua cultura já teve maior desenvolvimento. Hoje está estacionaria, apezar de ser uma das mais apropriadas para a zona maritima.

O governador d. José de Mello Manoel, por edital de 1 de Abril de 1754, obrigou os moradores das colonias, que possuissem cem braças de terra cultivavel, ao plantio de cem pés de algodão.

Os colonos ficavam sujeitos a um exame de seis em seis mezes e perderiam suas terras se desse exame resultasse a prova do não cumprimento do edital.

A resolução do Conselho Ultramarino de 11 de Novembro do mesmo anno, modificou essa ordem tão severa, estabelecendo para a primeira falta uma multa de mil réis por pé de algodão, pela segunda uma multa de dois mil réis e pela terceira a perda das terras.

Em 1849 a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, desta capital, enviou para Santa Catharina diversas qualidades de sementes de algodão. Entre ellas distinguiu-se produzindo com grande vantagem a do algodão herbaceo, fornecendo um fio fino e rijo. No segundo e terceiro anno de cultivo começou a degenerar.

O algodão amarello não provou bem.

Trigo. — Até 1816 Santa Catharina exportou trigo em grande escala, cultivado com especialidade em terras lagunenses. D'esse facto nos dá noticias o antigo registro da comarca da cidade do Desterro. No anno acima referido, além da exportação, foram fornecidos quatro mil e quinhentos homens da Divisão de voluntarios reaes que estavam estacionados em Santa Catharina, de viagem para o sul.

De 1816 a 1849 foi abandonada da cultura do trigo, que nesse ultimo anno reappareceu devido aos exforços da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, que remetteu diversas qualidades de sementes.

Fumo. — A cultura do fumo data de muitos annos e já foi mesmo em epochas remotas artigo de exportação para Açores e Rio Grande do Sul. A plantação do fumo nos municipios serranos tem tido bom desenvolvimento, com especialidade na serra do Serrito, no valle do rio Marombas. E' com satisfação que affirmo ser o fumo, alli fabricado, de bôa qualidade e muito bem reputado no commercio.

Chá da India. — A semente do chá foi para Santa Catharina em 1837 tendo produzido muito bem na fazenda de Luiz Gonzaga Meyer. Na mesma data e devido aos exforços do governador tenente-coronel José Joaquim Machado d'Oliveira foi introduzido o cultivo da amoreira e a criação do bicho de seda.

O municipio de Lages presta-se para o cultivo de chá, o que já nos mostrou a experiencia de annos, da familia Passos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Anil.— No anno de 1786 foi cultivado com grande vantagem, havendo exportação regular.

Não existe cultura actualmente, a planta nasce e cresce no meio do indifferentismo geral.

Linho. — Começou a cultura do linho em 1749, no Tubarão, por Antonio Gonçalves Ferreira, encarregado pelo governador coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, que recebeu sementes do capitão general do Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade. Ficou provado que o Tubarão possue terras e clima para essa cultura. Em 1789 houve nova tentativa com plantações novas, porém hoje está abandonada de todo o plantio do linho.

Baunilha. — Teve principio em 1786 o cultivo da baunilha, estando no governo o distincto major José Pereira Pinto. Está presentemente abandonado.

(*Continúa*)

N. C.

Sobre a meza

Relatorio apresentado pelo sr. major José Teixeira Raposo, secretario de Estado dos Negocios do Interior e Justiça, ao sr. dr. Felippe Schmidt, governador do nosso Estado. E' uma brochura de 48 paginas, em que se acham mencionadas as occurrencias das repartições e serviços subordinados áquella pasta, até Julho de 1899, e constitúe precioso repositorio de documentos uteis para quem deseje conhecer do estado dos negocios publicos da nossa terra.

Obrigados pela gentileza da offerta.

Recortes

O Estado de Santa Catharina está dividido em 26 municipios assim denominados: Florianopolis, S. José, Palhoça, Garopaba, Laguna, Imaruhy, Tubarão, Jaguaruna, Araranguá, S. Joaquim, Lages, Coritibanos, Campos-Novos, S. Bento, Campo-Alegre, Joinville, Paraty, S. Francisco, Blumenau, Brusque, Itajahy, Camboriú, Nova Trento, Porto-Bello, Tijucas e Biguassú.

Occupava, em 1890, o primeiro logar, quanto a população, o municipio de S. José com 33.084 habitantes, divididos por 6 parochias—S. José da Terra Firme, S. Pedro de Alcantara, N. S. do Rosario da Enseada de Brito, Santo Amaro do Cubatão, Santa Izabel de Therezopolis e S. Bom Jesus de Nazareth da Palhoça Devido, porem, á creação do municipio da Palhoça, desligado do de S. José, passou a occupar o logar deste, o municipio da Capital com 30 687 habitantes, divididos por sete parochias — N. S. do Desterro, N. S. das Necessidades de S. Antonio, N. S. da Lapa do Ribeirão, S. João Baptista do Rio Vermelho, S. Francisco de Paula de Cannasvieiras, SS. Trindade e N. S. da Conceição da Lagôa, das quaes a de maior numero de habitantes é a primeira, com 11.400, e a de menor a do Rio Vermelho com 2.159.

O municipio de Blumenau, segundo o mesmo recenseamento de 1890, tem 27.752 habitantes, divididos por 2 parochias — S. Paulo de Blumenau e S. Pedro Apostolo do Gaspar.

O menos populoso dos municipios é o de Campos Novos com 4.681

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

habitantes em duas parochias—S. João Baptista de Campos Novos e N. S. do Amparo de C. de Palmas, esta com 1.669habitantes e aquella com 3.012.

O Estado comprehende 55 parochias, sendo a mais populosa a de S. Paulo de Blumenau com 24.527 habitantes. O segundo logar cabe á de N. S. Mãe dos Homens de Araranguá, unica do municipio deste ultimo nome, com 14.069 habitantes. Segue-se-lhe a de S. Francisco Xavier de Joinville, tambem unica do municipio, com 13 996. Em quarto logar acha-se a de S. José da Terra Firme com 11.820 habitantes, vindo em quinto a de N. S. do Desterro com 11.400.

A menos populosa das parochias é a de S. Vicente de Paula de Luiz Alves, municipio de Itajahy, com 1.059 habitantes.

CONCURSO DE BELLEZA

E' com satisfação que communicamos as nossas patricias, ter obtido o segundo logar no concurso de bellesa, realisado pela nossa gentil collega «Rua do Ouvidor», a nossa captivante conterranea *senhorita* Alice Monteiro, filha do dr. Azevedo Monteiro e da exma. sra. d. Eugenia de Lossio Monteiro, nossa virtuosa patricia. Conhecida como é a vencedora, a «Revista» dispensa commentarios, certa de que nesta luta, predominou a maior verdade e justiça.

As nossas felicitações á distincta *senhorita* Alice Monteiro pelos 1252 votos, que obteve.

Senador Esteves Junior

Nascido na pitoresca Ilha do Desterro, actualmente Florianopolis, d'ali se retirou, moço ainda, sem comtudo esquecer jámais sua terra, acolhendo sempre com affecto e hospitalidade a todos os seus conterraneos. Pelos seus serviços a colonia, salientou-se tanto que era sua residencia, á R. do Hospicio, antes da proclamação da Republica, conhecida como consulado catharinense nesta Capital.

Eleito senador, sempre se mostrou o mesmo homem; e ao seu caracter verdadeiro e honrado e as suas convicções sempre firmes, deve toda popularidade que conquistou.

Com as linhas precedentes, a «Revista», julga-se dispensada de outros commentarios, justificando seu profundo pezar pelo desapparecimento de mais um illustre e digno socio do « Centro Catharinense », enviando a respeitavel familia sinceros pezames, pela irreparavel perda de seu extremoso chefe.

A directoria do « Centro Catharinense » convida os socios e demais amigos do nosso Estado, para a sessão solemne de posse da nova directoria, a realisar-se a 28 do corrente, ás 7 1|2 horas da noite, em nossa séde social, a rua da Carioca 34, 1° andar.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O nosso digno patricio sr. Jovita Eloy acaba de fazer á nossa bibliotheca os seguintes valiosos donativos:

Carta geral do Brazil, pelo Barão do Rio Branco;

70 folhetos contendo leis e regu'amentos de Santa Catharina, comprehendendo uma collecção completa das leis promulgadas de 1891 a 1897;

4 outros volumes, entre os quaes as *Licções de Cousas*, traducção de Ruy Barbosa, explendidamente encadernado.

Com justo desvanecimento a directoria do «Centro Catharinense» agradece tão preciosas dadivas, attestado da bôa comprehensão que tem o nosso patricio dos elevados fins da nossa sociedade, devedôra, assim, de tão notavel obsequio.

REPRESENTANTES DA "REVISTA CATHARINENSE"

—

S. PAULO

S. PAULO—Oscar Natividade.

PARANA'

CURITYBA—Elpidio Werneck.

MORRETES—Affonso Ladislau Gama de Camargo.

SANTA CATHARINA

FLORIANOPOLIS—Francisco de Assis Costa (*Gabinete Sul Americano*).

TUBARÃO—Luiz Martins Collaço.

S. FRANCISCO—dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto.

CAMPO-ALEGRE—Coronel Guerreiro de Faria Filho.

ESPIRITO SANTO

VICTORIA—Nelson Costa.

GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

—DE—

J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho
de marmores, monumentos, capellas, anjos, estatuas, fachadas de edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares, pias baptismaes e para agua benta, banheiras, pedras para moveis, etc., etc.

ESCULPTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHOS PARA SEPULTURAS

COM PERFEIÇÃO BREVIDADE E PREÇOS RAZOAVEIS

Mandam vir qualquer encommenda directamente da Europa, fornecem desenhos e incumbem-se de qualquer trabalho para o interior

RUA DE S. JOSÉ 77

RIO DE JANEIRO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

J. NEVARES

JOALHEIRO

Completo sortimento de joias e relogios de todos os autores

Concertam-se joias e relogios de todas as qualidades

COMPRA-SE OURO, PRATA E PEDRAS PRECIOSAS

Rua dos Ourives, 30-A

RIO DE JANEIRO

Typographia Miotto — Becco do Fisco n. 13

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina